

CRÔNICA DE UM INDUSTRIAL

"*Crônica de Um Industrial*, é a exorcização de 35 anos de envolvimento político com traumas, miséria, paixões, medos, recuos, solidão, contradições e análise. (...) Exatamente por isso, neste novo momento de minha vida, escolhi o difícil tema da morte, da política... O parto dos tempos futuros, mas já um documento generoso de liberdade poética (grifo nosso). Um olhar profundo e calmo sobre o sofrimento de uma existência política formada no sangue, na deslealdade, na farsa, na mentira, na traição como linguagem oficial..."

Luiz Rozemberg Filho



CRÔNICA DE UM INDUSTRIAL

Direção, argumento e roteiro

Luiz Rozemberg Filho

Fotografia, câmera e iluminação

Antonio Luiz Soares

Montagem

Ricardo Miranda

Elenco

Renato Coutinho

Ana Maria Miranda

Eduardo Machado

Kátia Grumberg

Adriana de Figueiredo

Wilson Grey

e os trabalhadores do Metrô RJ



35 mm, cor
1978

A relação entre o filme e o depoimento sobre ele, feito pelo autor pode chegar a estranhos extremos de curiosidade. Este é o caso de *Crônica de um Industrial*, de Luiz Rozemberg Filho. É, definitivamente, o melhor filme de seu autor, ou seja, o mais completo, aquele em que as conquistas temático-estilísticas são apresentadas como numa súpula.

Este é um artigo de um fã de *Crônica de um Industrial*, mas o cineasta inibe o escriba. Ele se preocupa com o (pseudo) talento dos outros e dá a impressão de escrever mais do que propriamente filmar. Viaja, às vezes, para o exterior, como se ignorasse que suas obras são apreciadas aqui. Tem uma idéia de mercado diferente da dos seus pares, é contra o consumo *tout court*: quer que digiram de maneira especial os seus petiscos. Reassumi, em suma, a "maldição" de certos autores de fora como um Marcel Pagnol ou um Jean Genet. Mas é coisa muito nossa, apesar de tudo.

À parte isso, é um caso de êxito ou qualidade autoral de certa forma menosprezados pelo texto extrafilme, ou, um raro exemplo de modéstia excessiva. Sou permanentemente atraído pela obra rozemberguiana.

Crônica de um Industrial apresenta mais ou menos o conflito entre um diretor com idéias próprias e uma fidelidade elevada à potência *n*. Desde *Jardim das Espumas*, a filiação glauberiana do seu autor se mostra bastante patente. *Jardim* era assim como uma *Terra em Transe* soterrada e conseguindo emergir ao *ground*, tudo num visual precário mas belo, como se o belo dependesse justamente da precariedade. (É um discurso fílmico de uma classe privilegiada, não havendo perdão para o resto da humanidade). Rozemberg consegue, um trunfo, porém: revela um "glauberianismo" conteudístico-formal com personalidade própria.

É difícil fazer a cronologia crítica de um diretor "fora de série", na medida em que ela pode ir contra o próprio sentimento de evolução criativa; isto é, a linguagem não é somente livre e nova, mas, cada novo filme "organiza" uma filmografia diferente daquela com que se está (ou se esteve) acostumado a lidar. Sou levado a conjecturar, a partir da obra anterior de Rozemberg, que seu último filme, mesmo não sendo uma tentativa consciente de se enquadrar, no "consumo" (no sentido pejorativo em que ele usa a palavra), é, ao contrário, uma aproximação do autor das regras habituais do jogo cinematográfico. Contra todas as possíveis suposições, portanto, a noção de *work in progress* fica preservada.

Complicada arte esta, feita na corda bamba dos orçamentos, carente de audiência, talentosa, crescente. *Crônica de um Industrial* é,

ao menos, animador, em relação ao mais inspirado (porém mais hermético) *A\$ \$untina das Américas*. Está mais inclinado ao consumidor.

Estou sendo ao mesmo tempo simpático e provocativo, mas procuro ser um espelho do focalizado. Tem todo o talento para ser consumido, mas (desculpe-me a metáfora) estabeleceu-se como um fabricante de velas de boa qualidade, sem o pavio, entretanto. Como usá-las? Velas em geral são usadas nos momentos de *black-out*. Eis aí, Luiz Rozemberg Filho é o maior produtor de velas *daylight*, isto é, que dispensam a escuridão, mas condicionam-se à inteligência, à sensibilidade e ao bom-gosto.

A verdade deve imperar. Este artigo é feito por alguém que também despreza o "comércio", no sentido em que ele é reprimido por teorias meio abstratas mas que não ignoram o que se passa num meio em que a pureza das boas intenções está de há muito comprometida por uma luta na qual o vale-tudo abole lamúrias elege a esperteza e espera com ansiedade as novidades das cabeças fortes e objetivas capazes de criar algo competitivo e autêntico, para que o Brasil e o nosso cinema sejam realmente nossos.

Feito diretamente em 35 mm e em cores, *Crônica de um Industrial* é coerente e nítido bastante, dispensando explicações superfúas, textos à margem, ou notas de "pé de página". Já se insinua, por si só ao consumo e, com o tempo decorrido desde *Jardim das Espumas*, pertence a uma nova geração estilística. Mantém a predominância da palavra (aqui falada e não escrita), apesar de a fotografia primorosa de Antonio Luiz Soares deixar-nos por vezes displicentes do discurso político da trilha sonora. Vincula-se diretamente ao *Jardim das Espumas* (Adriana de Figueiredo não seria, aqui, a reencarnação da Fabíola Fracarolli de então?), mas tem a ver com *A\$ \$untina*, na medida em que o entreato musical citando *Singin' In the Rain* (*Cantando na Chuva*) transfere-se agora para *My Fair Lady*.

É a música clássica, porém, que pontua, dá densidade e, de certa maneira soleniza *Crônica*, trazendo ao drama de Gimenez (Renato Coutinho) e de seus comparsas um *status* diferente daquele que possuíam os personagens dos filmes anteriores.

A *mis-en-scene* é ritualística e cada seqüência assemelha-se a um sacrifício religioso, uma oferenda, ou uma doação. O domínio do *métier* atingiu sua plenitude, e faz, finalmente, extravasar do filme um *charme*, uma fotogenia, que as palavras não conseguem definir.

A sensação do passado a limpo sobrevive durante todo o tempo de projeção da *Crônica* e eleva a leveza do título à galeria das obras profundas e definitivas.

David E. Neves